

# O CORPO EM PSICANÁLISE: ALGUMAS REFLEXÕES NO CONTEXTO DA COVID-19

*Estevão de Castro Gomes<sup>1</sup>*  
*Jéssica Lanne dos Santos Reis<sup>1</sup>*  
*Jhorran Silva Souza<sup>1</sup>*  
*Mara Rúbia de Pinho<sup>1</sup>*

*Anna Isabel Araujo Vaz<sup>2</sup>*

## RESUMO

O presente ensaio teórico tem o objetivo de expor um breve histórico concernente ao corpo e sua constituição pelo olhar psicanalítico a fim de propor reflexões acerca da angústia e inquietação vivenciadas em tempos da pandemia de Covid-19. Segundo Freud o Eu é corporal, a partir do investimento do sujeito em si mesmo e da percepção do corpo nomeado por seu cuidador, adquire a margem de limite entre o sujeito e o mundo. De acordo com Lacan, o Eu e o corpo passam pela via dos registros e do estágio do espelho, a imagem de si refletida no Outro é fundamental para o processo de formação do Eu. Sendo assim, o contexto da pandemia impôs ao corpo a tentativa de abandono dos seus apegos antigos, forçando o encontro ou confronto do Eu-de-prazer com as exigências do afastamento e do isolamento social. Portanto, as discussões contidas neste ensaio visam contribuir na produção de conhecimento acerca do assunto, ao tratar sobre o corpo pela perspectiva psicanalítica e inter-relacionar com as possíveis angústias individuais e coletivas geradas pela pandemia de Covid-19, colaborando no entendimento da dor e desamparo experimentado pelo indivíduo em tempos de adoecimento, mortes e incertezas.

**Palavras-Chaves:** Psicanálise. Corpo. Covid-19.

## ABSTRACT

This theoretical essay aims to expose a brief history concerning the body and its constitution through the psychoanalytical perspective in order to propose reflections on the anguish and restlessness experienced in the time of the Covid-19 pandemic. According to Freud the I is corporeal, from the subject's investment in himself and the perception of the body named by his caregiver, it acquires the margin of limit between the subject and the world. According to Lacan, the Self and the body pass through the records and the mirror stage, the image of oneself reflected in the Other is fundamental to the process of formation of the Self. Thus, the context of the pandemic imposed on the body the attempt to abandon their old attachments, forcing the encounter or confrontation of the I-pleasure with the demands of social isolation and estrangement. Therefore, the discussions contained in this essay aim to contribute to the production of knowledge on the subject, dealing with the body from a psychoanalytic

<sup>1</sup>Acadêmicos do 10o semestre do curso de Psicologia do UNIVAG.

<sup>2</sup>Especialista pelo Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde do Adulto e Idoso (PRIMAV/UFMT) e especialista em Psicanálise e Saúde (Albert Einstein Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa). Professora do curso de Psicologia do UNIVAG.

perspective and interrelating with the possible individual and collective anxieties generated by the Covid-19 pandemic, contributing to the understanding of pain and helplessness experienced by the individual in times of illness, death and uncertainty.

**Keywords:** Psychoanalysis. Body. Covid.

## INTRODUÇÃO

Ao longo da história ocorreram significativos posicionamentos no modo como o corpo é pensado, nota-se que as percepções acerca dessa temática se inter relacionam com as questões de cada tempo. Por exemplo, desde a Grécia Antiga até os tempos atuais, metamorfoseia de diversas formas, onde por vezes é designado ser treinado e belo, até ser resguardado por ser visto como fonte pecaminosa. Assim, uma vez glorificado e, inclusive de interesse do Estado como na Grécia Antiga, constitui-se na Idade Média como uma expressão do pecado, onde o resguardo denota que, antes objeto louvável, torna-se uma abominação pela qual a alma encontra-se revestida e que em razão dessa mudança de paradigma são impostas punições como tentativa de purificação. Posteriormente, durante o Renascimento, as transformações resultantes da razão científica modificaram a relação da cultura e de cada indivíduo com seu próprio corpo e, ainda continuam ocorrendo conforme as alterações estruturais na sociedade e nos comportamentos (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011).

Em decorrência das exigências pelas quais esteve submetido, faz-se necessário evidenciar o potencial sofrimento psíquico que também possa existir, seja pela tentativa de identificar os moldes sociais, como também pelos próprios limites que apresenta. No convívio em sociedade muitos grupos se organizam de maneira a propor um modelo na aparência e estilo de vida, contudo, quando há um desvio, principalmente no que diz respeito à aparência física, pode haver rejeição por parte dos integrantes, capaz de gerar grande sofrimento para aquele que se percebe destoante (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011). Nesse sentido que Forte, Winograd e Perelson (2018) referem

De um lado, ser belo, magro e jovem tornou-se padrão de moralidade. De outro, ser longo e saudável assumiu o lugar de imperativo, de modo que a valorização da qualidade de vida se inseriu no modelo prototípico da identidade atual – a bioidentidade –, transformando a forma de cuidar de si em culto ao corpo, visto como bem supremo (p. 277).

Desse modo, o corpo surge como objeto de estudo nos diversos campos do saber que buscam interpretá-lo de acordo com os diferentes ângulos nos quais se apresenta. Sendo assim, é anatômico, biológico, um corpo de estudo para a medicina intervencionista, social para a

Sociologia e a Psicologia Social e, um corpo da representação inconsciente para a Psicanálise, o qual possui uma linguagem individualizada e estruturada (LAZZARINI; VIANA, 2006).

Segundo Freud (1930/1936) existem três fontes manifestadas pelo homem como causadoras de sofrimento: o próprio corpo, o mundo externo e as relações com os outros. Por conseguinte, o contexto de mal-estar decorre dessas fontes que ameaçam a felicidade dos indivíduos. Os modos de sofrimento apontados por Freud foram evidenciados na pandemia de Covid-19 ao demonstrar o corpo repleto de limites e inquietações; o mundo externo, de repente, com efeito devastador e amedrontador interferindo também sobre os relacionamentos interpessoais, pois dentre as medidas básicas de contenção na propagação da doença houve a instauração de distanciamento e/ou isolamento social (BESSET, 2002). Segundo a autora, “Frente ao mal-estar na civilização, "amar e ser amado" é um dos métodos ao alcance do ser humano em sua busca pela felicidade. Um método cuja eficácia é limitada, pois a ausência do objeto amado ou de seu amor deixa o sujeito na infelicidade e no desamparo” (BESSET, 2002 p. 204).

Nesses aspectos, as discussões contidas neste ensaio visam contribuir na produção de conhecimento acerca do assunto, ao tratar sobre o corpo pela perspectiva psicanalítica e interrelacionar com as possíveis angústias individuais e coletivas geradas pela pandemia de Covid-19, colaborando no entendimento da dor e desamparo experimentado pelo indivíduo em tempos de adoecimento, mortes e incertezas.

### **UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O CORPO NA HISTÓRIA**

No decorrer da história o corpo sofreu inúmeras transformações, pois, submetido a diversas culturas foi moldado de acordo com as necessidades estabelecidas em cada uma delas, de acordo com os seus respectivos períodos. Nos tempos da Grécia Antiga era treinado para alcançar uma certa estética, onde sua forma deveria ser aprimorada constantemente pelos cidadãos. Idealizado, o corpo grego permanece atualmente como um modelo a ser seguido, mesmo partindo de uma ordem que contraria o estilo de vida contemporâneo do indivíduo (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011).

Enquanto na Grécia Antiga sua exposição era de uma atitude louvável, uma representação de saúde e beleza, o ato de despir-se passou a ser considerado abominável pelo cristianismo. O repúdio ao exibicionismo é caracterizado pelo pecado pregado pelo cristianismo, onde sequer homem e mulher comprometidos em uma relação conjugal teriam permissão para se apresentarem totalmente desnudos um ao outro. Diante da influência do

cristianismo, os indivíduos na Idade Média resguardavam seus corpos. Nesse período consideravam que apesar do corpo ser o revestimento da alma, havia uma separação entre as intenções de ambos, onde a alma deveria ser predominante. Assim, em uma relação ambivalente, também era considerado sagrado quando visto como uma criação de Deus e sendo seu instrumento glorioso, associado inclusive ao histórico de dor e sofrimento de Cristo o que promoveu as penitências como maneira de expiação dos pecados. Além das restrições impostas a sua exibição, aspectos como cor da pele, peso, altura e demais traços característicos, também estabeleciam o lugar onde poderia estar, o que deveria ser, ou qual função iria desempenhar no meio social (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011).

Tempos mais tarde surgiu a Era Moderna, inaugurada pelo período Renascentista, apoiada na cientificidade e obras de arte contrariando as ideias dos períodos anteriores e propondo liberdade de expressão aos indivíduos foi submetido a novas investigações e análises, o que possibilitou ser descrito de formas diferentes. Antes condenado pelos sacerdotes, ressurgiu em sua vontade de mostrar-se ao mundo, porém, assim como no início de sua constituição, permanece na condição de servo do Estado, e agora a ser explorado cada vez mais pela ciência (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011).

O corpo, ao ser colocado como objeto de estudo da psicanálise, associa-se inicialmente pelas históricas, tendo o caso da Anna O. (pseudônimo de Bertha Pappenheim) como o fundador da teoria psicanalítica (BELINTANI, 2003). Até então, a psicanálise não tinha o objetivo de desenvolver uma teoria que fosse capaz de explicar a forma como se organiza o psiquismo, mas tentar reduzir ou eliminar o sofrimento histórico manifestado pelos sintomas. A hipnose, utilizada por Charcot, contribuiu de forma significativa com o avanço dos estudos permitindo maior compreensão acerca das paralisias, relacionando-as com ideias que teriam tomado conta do psiquismo do sujeito em um determinado momento. Enquanto que a aproximação de Freud com as pacientes históricas contribuiu para que fosse possível o desenrolar da teoria psicanalítica, tendo o corpo como aquele que apresenta a outra cena, a do inconsciente. As concepções de Freud, a partir da hipnose como um modelo de tratamento inicial, permitiram a existência de forças específicas em conflito, que constituíam o corpo como o seu representante (FULGENCIO, 2002).

Ao analisar a trajetória e toda a problemática histórica do corpo percebe-se que os atravessamentos das diversas culturas acarretaram um estado de alienação. Relacionada às imposições advindas da civilização ao ditar um conjunto de leis, regras e normas, cujo intuito é moldar os indivíduos em um padrão ideal para que sejam capazes de conviver uns com os outros em sociedade. Por isso, “O trabalho da cultura tem ao mesmo tempo um aspecto coletivo

e individual, derivado do fato da constituição psíquica só se dar na relação com outros” (SILVA, 2012, p. 49).

Inevitavelmente, nesse sentido, um corpo social, perpassado pelo contexto cultural apreende a formação de identidade revestida do modelo ideal para si, para o outro e para o externo, ressurge estruturado nas leis, regras e normas estabelecidas pelas sociedades. Vale ressaltar que antes mesmo de estar inserido em uma delas, já havia buscado sua constituição a partir do meio externo (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011). De acordo com Ferreira (2008, p. 471)

O corpo torna-se, então, a arena onde acontecem discursos e conflitos simbólicos, políticos, culturais, étnicos, históricos, religiosos e econômicos, refletindo as questões do nosso tempo, refletindo também uma sociedade marcada pela valorização do individualismo, narcisismo, hedonismo e consumo. Ele é um dos elementos fundadores da presença do sujeito na sociedade.

Conforme Silva (2012) a cultura pode ser descrita como a somatória entre realizações e prescrições propostas pelo meio. Há na cultura o propósito de proteção dos sujeitos contra a natureza, sendo ainda o fenômeno responsável pela existência de reciprocidade nos relacionamentos. As definições culturais de Freud abrangem inúmeros aspectos capazes de englobar construções simbólicas e materiais em diferentes contextos socioculturais, mesmo que considerados geradores de aflição.

Destarte, as transformações sociais ocorridas nas últimas décadas perpassam questões concernentes ao corpo produzindo impacto nas subjetividades, tornando-se desafios para a clínica psicanalítica na atualidade. A questão agora é empreender uma clínica com pacientes que fazem dele não somente o seu sintoma, mas sua própria forma de ser (FORTES; WINOGRAD; PERELSON, 2018).

Atualmente, desde que instaurado o cenário de pandemia, as questões do corpo são colocadas em evidência. A limitação, brevidade, falibilidade e incompletude da vida são assuntos em pauta de diferentes áreas do saber, visando compreender e dar respostas às indagações a partir da retomada da história do corpo, cultura, sociedade e sua interdependência. Por um lado, a sociedade comemora o avanço de descobertas que retardam o envelhecimento e produzem corpos perfeitos, quase uma espécie de transcendência dos corpos, e, do outro, se vê atravessada pela Covid-19 e seus efeitos. Como resultado, surge a iminência em lidar com seu adoecimento tornando-o ainda mais fragmentado e à mercê dos vieses da vida. Tanto o doente como o ente ficam diante do imprevisível, do desconhecido, da impetuosidade das forças pulsionais e das intensidades diversas deparando com o sofrimento, fragilidade e desamparo que constituem o ser humano (GOMES; PRÓCHNO, 2015).

Frente às angústias do corpo, como o adoecimento e a possibilidade da morte, ou seja, o encontro com o fim e os desejos ceifados geram diferentes sentidos, ou a falta deles, mais comumente o sujeito reage negando e tentando afastar aquilo que muitas vezes é inevitável, sendo uma visão bastante característica dos entes que cercam o doente. Freud (1915), no texto "Considerações sobre a guerra e a morte: temas da atualidade" aborda acerca das tragédias causadas pela Primeira Guerra Mundial e o terror de se pensar na própria morte, assim, afirma que a "Nossa atitude diante da morte" é negá-la. Em razão da ausência de representação psíquica, seria a morte posta como a castração por excelência?

### **O NARCISISMO, O EU E O CORPO**

Para Freud, o bebê ao nascer é desprovido de uma identidade, de uma sensação de si, ou seja, o Eu não se mostra presente desde o início e se desenvolve posteriormente. Ao pensar essa constituição o autor refere que existem fases no desenvolvimento humano, como caminhos que cada um percorre, construindo percepções de si mesmo que diferem dos outros, traçando a marca da singularidade de cada um (LOWEN, 2017). Um ponto em comum dos seres humanos é a dependência no início da vida, já que nasce no completo desamparo, dependendo de um outro para manter-se vivo, constituído unicamente da instância do Isso. Ou seja, permeado por sensações externas e internas que organizam anarquicamente e o inquietam, desejos que o movem à sobrevivência, e que faz com que as primeiras satisfações eróticas sexuais de uma criança sejam voltadas para si mesma, como a marca do autoerotismo em que o bebê é tomado como objeto de satisfação. Esse investimento libidinal sexual que busca a satisfação das pulsões desorganizadas faz marcas nos corpos e passam a delinear uma primeira formação do Eu, o que então justifica a afirmação de Freud quanto o Eu é corporal. A partir do investimento do sujeito em si mesmo e da percepção desse corpo nomeado por seu cuidador, o corpo ganha margem de limite entre o sujeito e o mundo (FREUD, 1914).

O cuidador investe na criança como um retorno do próprio narcisismo, desse modo é como se o narcisismo dos pais pudesse ser revivido através do bebê. Há um grande investimento desse outro sobre a criança, ajudando à satisfação e dando nomeações às suas experiências. Com o passar do tempo o investimento desse outro nomeia esse ser desprovido de identidade, dá significado a essa existência a partir de sua visão e dá bases para a construção do corpo. Assim, pode ser entendido como algo ficcional, advindo do investimento do outro para nomeá-lo, unificando as pulsões e ajudando com o surgimento do Eu (JÚNIOR, 2016).

O Eu no narcisismo primário é um Eu Ideal, que promove o lugar da onipotência infantil, onde a libido continua voltada para si mesmo e para a satisfação de seus próprios desejos.

Quando a criança experimenta feridas narcísicas que a destituem do lugar de onipotência, passa a investir em objetos externos, o que define a entrada no narcisismo secundário e a criação de um Ideal do Eu, que irá medir a pessoa a partir das exigências do Supereu, instância referente a consciência moral (FREUD, 1914).

A criança se vê faltante, antes se enxergava completa e como o que completava o seu cuidador, agora não mais sustenta essa fantasia. Observa que algo falta em si e no outro, e toma o desamparo com a urgência de constituição do Eu, sendo obrigada a se lançar em busca de sentir novamente completa, onipotente, em busca do Eu Ideal, da imagem de si esperada, mesmo que nunca tenha existido esse lugar de satisfação absoluta, apenas alucinada. Esse movimento da busca organiza as pulsões e torna possível investimentos internos e externos (JÚNIOR, 2016).

### **O EU E A ANGÚSTIA**

Nesta oportunidade a segunda tópica freudiana é retomada ao apresentar que a existência do Isso se faz desde o nascimento, como um reservatório pulsional orientado pelo princípio de prazer e que dá bases para o surgimento do Eu. O Eu que se modifica a partir da relação com o mundo externo e se orienta pelo princípio de realidade, em que se torna a parte do aparelho psíquico que faz o equilíbrio das pulsões e dos investimentos libidinais, mantendo resquícios da fase narcísica com a imagem do Ideal do Eu. Enquanto o surgimento do Supereu é uma herança do Complexo de Édipo, momento em que as relações com as figuras parentais são permeadas por amor e rivalidade. Assim, é como se fosse um representante da autoridade parental, uma identificação com o Supereu dos próprios pais, uma instância reguladora e severa que almeja atingir o Eu Ideal orientado pelo Ideal do Eu, tendo grande laços com a pulsão de morte e que coloca o sujeito em um ponto de repetição, como modo de tentar experimentar a satisfação pulsional a partir das altas exigências estabelecidas, um imperativo de gozar (HENCKEL; BERLINCK, 2003).

Na vida do ser humano existem dois grandes marcos, o desamparo original do ser humano, que precisa do outro fundamentalmente para sobreviver, e a castração vivida dentro do Complexo de Édipo, onde tem que dar sentido à pulsão sexual. Sendo que ambas nunca são completamente elaboradas. Na tentativa de lidar com o desamparo e as pulsões, o Eu seria a instância que tenta equilibrar e executar o investimento do Isso e as cobranças do Supereu, bloqueando investimentos que forem contrários ao Ideal do Eu (FREUD, 1926). Assim, o cerne da angústia é o Eu, que se vê cercado pelos imperativos do mundo, do Isso e do Supereu.

Um dos modos de evitar a angústia é pela inibição do Eu, que se abstém de ações a fim de evitar confrontações com as demandas do Isso e do Supereu, ignorando o investimento e cedendo ao recalque, e que também pode ser entendido como uma falta de energia para uma tarefa que possa ser muito difícil para o aparelho psíquico (HENCKEL; BERLINCK, 2003). Mesmo com o recalque, algum representante pode encontrar meios de retornar, já que é mantido constantemente investido pelo Isso, em busca de satisfação. E encontrar um tipo de acordo para satisfazer pelo sintoma, que é entendido como um substituto da satisfação pulsional. Que na tentativa de uma descarga pulsional para alívio da tensão, que pode entrar em conflito com as tendências do Eu e irromper em angústia. Esses sintomas podem vir de várias maneiras, como a fobia, vinculando a energia do afeto a uma nova representação que mobiliza a angústia, podendo gerar o medo de uma situação ou objeto, como se projetasse ao estado angustiante. Demais maneiras seriam o da somatização, de aparecimentos de sintomas físicos, medos que precisam ser elaborados (FREUD, 1926).

Desse modo, a angústia é um excesso de energia que circula no aparelho psíquico, derivada de uma insatisfação de não realização do desejo, e que precisa ser descarregada. O objeto de satisfação pode ser recalcado, mas a energia psíquica não. Essa insatisfação faz com que o sujeito, dotado do Eu, sofra esse afeto que se encontra à deriva no aparelho psíquico, não dominando os resultados dos efeitos colaterais (FREUD, 1926).

### **O ESTÁDIO DO ESPELHO, O EU E O CORPO**

De acordo com os estudos de Cukiert e Prizskulnik (2002) as considerações sobre o Eu e o corpo em Lacan passam pela via dos registros e do estágio do espelho, já que é onde ocorre a confirmação do quão relevante é a imagem do corpo próprio no processo de formação do Eu. Para Lacan, a libido habita nesse corpo e possui a marca do significante, sendo produzido a partir do Outro, o responsável por fazer com que se manifeste o sujeito de sua significação, é ainda um corpo ímpar e erógeno. Sendo assim, um corpo de desejo e de gozo, em que a alienação e o desconhecimento são primordiais durante o processo de construção do Eu, pois sua constituição só se faz possível a partir da imagem de si refletida no Outro.

As concepções em Lacan sobre o sujeito, a linguagem e o Outro são pontos fundamentais no que se refere ao processo de constituição do Eu e do sujeito, uma vez que, a noção do Outro inicia a partir de uma aproximação entre inconsciente e linguagem onde o Eu recebe uma imagem externa à própria de forma invertida. As definições de Imaginário, Simbólico e Real, também conhecidas como registros, são conceituados como uma trilogia inerente à formação da estrutura de um indivíduo em sua condição de sujeito. Ao pensar o corpo

e a maneira como se constitui a partir dessa trilogia nota-se que são aspectos distintos, mas complementares. O Imaginário marca a constituição subjetiva do sujeito, considerando a imagem do outro de tal forma que a atribui a si mesmo. No Simbólico fala-se de uma outra função, que está além do corpo ortopédico (da imagem de si), e sim encontra-se na relação entre fala-linguagem-corpo, onde a marca do simbólico possui diversas partes significantes. Já no ponto de vista do Real, pensar o corpo como aquele que não se define pelo orgânico, mas como aquele que seria responsável por guardar o que é chamado de pura energia psíquica, sendo assim sinônimo de gozo (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2002).

Conforme Sales (2005), o estágio do espelho na criança consiste na forma como esta se identifica com uma imagem externa, a imagem do outro, a fixação por algo alheio e que a princípio se encontra relacionada à figura materna. Miller (2008), afirma que a primeira imagem apreendida pelo sujeito é a imagem do corpo do outro, inserida em seu campo de gozo. Os cuidados dispensados pela figura materna/cuidador produzem efeitos na constituição e estruturação da vida psíquica do sujeito, pois, inicialmente, percebe-se fundido a essa imagem (SILVA; GERMANO, 2015).

O espelho certifica a existência de uma ficção, considerada como irredutível e que surge antes mesmo da possibilidade de qualquer força determinante do meio social. Sendo assim, toda e qualquer apreensão expressa pelo estágio do espelho ocorre anterior à lógica social. O estágio do espelho se refere ao momento em que ocorre a primeira relação do indivíduo consigo mesmo, sendo esta relação representada por aquela que se estabelece com o Outro. Ao passar por essa experiência, a criança é conduzida a uma compreensão de unidade corporal, assim, sai da vivência de um processo de fragmentação é direcionada a uma unidade, que apesar de lhe causar estranhamento é capaz de a reconhecer como a imagem de si mesmo. A identificação da criança com essa imagem permite a saída de sua angústia, causada pelo processo de fragmentação vivenciado anteriormente. E a imagem com a qual se identifica se torna principal responsável no processo de constituição do seu Eu (SALES, 2005).

A ideia de um corpo e de um Eu nada mais é do que uma ilusão, que foi construída sob fundamentos de uma alienação incondicional (SALES, 2005). A constituição de um reflexo fiel no estágio do espelho é algo impossível, uma vez que possui como base uma unidade refletora imaginária, em que desde o início a imagem do outro foi deturpada pela percepção da criança. Portanto o Eu é fundamentado naquilo que vem de fora, uma imagem externa em que a criança é capturada sob o princípio de alteridade (SALES, 2005).

Dessa forma, a psicanálise compreende que a construção de si, a constituição do corpo, terá sempre influência daquilo que vem sentido como de fora e de fora mesmo, e por esse

motivo ele se encontra desde o início em um estado de alienação do Eu que permanece em um ideal imaginário irredutível (SALES, 2005).

### **O CORPO, ANGÚSTIA E A PANDEMIA DE COVID-19**

Os impactos causados pela Covid-19 marcaram sobremaneira a vida das pessoas e irão ilustrar os livros de História, pois o mundo parou novamente diante de uma pandemia. No livro ‘História das epidemias’, Ujvari (2020) descreve qual a verbalização mais ouvida nos picos da doença: “Vai passar”, porém, afirma que a história de epidemias anteriores revela um início sem fim. É um continuum que se estenderá devido as realidades políticas, econômicas, ambientais e sociais as quais a sociedade está atravessando e que provocam medo, angústia e terror ocasionados por um vírus respiratório que instaurou uma crise mundial, que conduz aos resultados de impactos psicológicos e em todas as esferas da saúde. Atualmente, no Brasil foram aproximadamente 22 milhões de infectados, 614 mil mortos e a nível global foram cerca de 260 milhões de casos, 5 milhões de mortos até o momento.

Desde que o Brasil e o mundo pararam diante de um ser microscópico, o vírus causador da Covid-19, mais precisamente em março de 2020, houveram atravessamentos pelo Real, o impossível, o inalcançável emergiu e impôs sua presença, e fez com que a experiência do corpo em um cenário de pandemia despertasse o interesse da psicanálise.

Izcovich (FÓRUM DO CAMPO LACANIANO, 2020) demonstra as primeiras indagações dos analistas em como dar continuidade às análises em imperativos de distanciamento social, e traz à tona a teoria de Freud e Lacan ao afirmar que a análise é o encontro de dois corpos capturados pelo discurso, mas que não precisam estar ocupando o mesmo lugar físico. Logo, o fator que produz o *setting* analítico é a transferência, que se produz na constituição do Sujeito Suposto Saber. Durante o período de isolamento social constatou a referida separação dos corpos, porém, houve a permanência do sujeito que se viu na iminência da construção de novos sentidos a contar do desejo, amor e fantasia interrompidos. Assim, o autor afirma que “a psicanálise é uma questão do corpo. Freud começou a partir do corpo e Lacan sempre manteve essa perspectiva” (FÓRUM DO CAMPO LACANIANO, 2020, p. 51).

Segundo Izcovich (FÓRUM DO CAMPO LACANIANO, 2020, p. 55) “O nascimento da psicanálise está ligado a um corpo que sofre e não encontra sua resposta na medicina”. Ora, considerando o contexto da pandemia, por que este corpo sofre? Porque esbarra na possibilidade da morte, exalta o medo, o medo da perda, da castração. Isto é, o Eu reage ao ser abandonado pelo Superego protetor, com o enfraquecimento do horizonte do Eu Ideal. De acordo com Freud

(1925-1926), o desamparo está associado ao medo da perda do amor do ser que ocupa a função de protetor e, diante da dependência do sujeito, o perigo maior é o de ser abandonado, deixado à própria sorte e ao próprio desamparo.

A psicanálise descreve o desamparo como estruturante e fundamental no processo de constituição do sujeito, sendo algo que ultrapassa o físico e o motor e que alcança também o psiquismo, onde existe a alienação de um sujeito pelo Outro. A relação com este Outro se torna fundamental nos processos de enfrentamento e nas formas de lidar com este desamparo, já que o sujeito desamparado tenta se livrar da situação em que se encontra, o que o movimenta e contribui para a mudança (PASSOS et al., 2018). Segundo Oliveira (et. al, 2014), o conceito de desamparo toma dimensões importante na teoria psicanalítica:

O conceito de desamparo foi se modificando e se prestou a designar desde um estado de imaturidade infantil até a necessidade de dependência que o bebê tem de ter do objeto primário para realizar suas ações específicas. Foi também entendido como importante para a edificação da civilização, posto que, temendo o desamparo, o homem teria estreitado o relacionamento com seus pares para superar coletivamente suas fragilidades, ainda que às custas de renúncias pulsionais (p. 22).

Para Besset (2002, p. 212), “As patologias de nossa época, em alguns aspectos, similares àquelas que deram nascimento à psicanálise –pensamos no que a psiquiatria denominou pânico, especialmente- trazem, em muitos casos, uma angústia paralisante, avassaladora, e um desamparo flagrante”. Segundo Freud (1926/1929), a ansiedade ocasionada pela situação de perigo está relacionada com o desamparo:

[...] ela consiste na estimativa da pessoa quanto à sua própria força em comparação com a magnitude do perigo e no seu relacionamento de desamparo em face desse perigo - desamparo físico se o perigo for real e desamparo psíquico se for instintual. [...] Denominamos uma situação de desamparo dessa espécie, que realmente tenha experimentado, de situação traumática (p. 161).

Ao descrever acerca da situação traumática, Birman (2004) afirma que o trauma é como um excesso que paralisa a mobilidade do psiquismo, pois diante da impossibilidade do Eu em se precaver dos perigos, ao se deparar com acontecimentos imprevisíveis reage antecipadamente sob a forma de angústia-sinal. Diz da angústia do Real apontando para uma excitação excessiva ocasionada pelos acontecimentos inesperados compelidos com violência aos sujeitos.

Desse modo, o contexto da pandemia impôs ao corpo a tentativa de abandono dos seus apegos antigos, forçando o encontro ou confronto do Eu-de-prazer com as exigências do afastamento/isolamento social, além de realçar a falta/perda de algo. As pulsões vida/morte emergem, é preciso lutar, entender, gritar aos quatro ventos, fazer algo que possa suplantar a dor e a angústia, “Surge a tendência a isolar do Eu tudo o que pode se tornar fonte de tal

desprazer, a jogar isso para fora, formando um puro Eu-de-prazer, ao qual se opõe um desconhecido, ameaçador fora” (FREUD, 1930/1936, p. 18).

A respeito disso Sartório (et al., 2020) destaca a importância do contato direto e físico nas relações entre os sujeitos, como seres sociais sentem a necessidade de troca e apoio dos seus pares até mesmo como forma de assegurar suas vidas, e o isolamento imposto em decorrência da pandemia foi capaz de privá-los desse convívio. Com isso, ao se encontrar em condições de isolamento, mecanismos de estresse podem ser ativados e gerar uma série de alterações fisiológicas que podem levar ao aumento de morbidade e de mortalidade (PERISSINOTTO et al., 2019).

Também é impossível não ressaltar a existência de um fator relevante associado geralmente ao contexto de pandemias como a de Covid-19, trata-se do processo de luto e terminalidade da vida. Sendo que, às vezes, nem mesmo as medidas de biossegurança adotadas em algumas situações, deram conta de inibir que vidas fossem ceifadas, levando os sujeitos a se depararem com o enfrentamento de perdas iminentes (MILLER, 2008). A Covid-19 tem sido considerada uma grave crise a partir do ponto de vista epidemiológico e psicológico. As perdas em massa em curto espaço de tempo e as dificuldades para realização de rituais de despedida e rituais funerários entre familiares e amigos dificultam a experiência de luto, da despedida do corpo a corpo (CREPALDI, 2020).

Falar sobre luto diz de um fenômeno mental natural que diz respeito à forma como o sujeito lida com a perda. O processo nunca acontece de forma agradável uma vez que exige a retirada de toda a libido que se encontrava voltada ao objeto perdido. Por este motivo, o processo de desinvestimento ocorre lentamente, pois, exige do sujeito um alto consumo de energia psíquica, e desta forma acaba prolongando a existência do objeto de amor que se perdeu. No final deste penoso processo de desligamento, o Eu voltará a ser livre e desinibido o que tornará possível o investimento libidinal em outros objetos novamente (JÚNIOR, 2016).

O luto é decorrente de todo e qualquer processo de transformação, incluindo a perda, mais especificamente, a de entes decorrente do contexto pandêmico, sendo essa a depender do grau de relevância àquele que ficou e que encontrava-se ancorado, sustentado nessa relação. A perda remete ao abandono de um estatuto anterior e o surgimento de mecanismos de defesa como a negação, a supervalorização ou menosprezo podem surgir como maneiras de reação à perda. Conforme Maria Lúcia Homem, a linguagem é uma das ferramentas da subjetivação que conduz a elaboração das perdas, permitindo dizer o que se vive e o que ainda se espera viver desse momento, uma tentativa de costurar o que foi rasgado da tecitura psíquica. Mesmo que com isso haja o preço da dor, do choro, da agonia, do desespero e do desânimo, até restar apenas

um traço daquilo que se foi para o encontro de uma outra posição que permita contornar o vazio deixado (HOMEM, 2020).

Considerando o exposto, propor reflexões sobre a constituição psíquica do corpo e a forma como este interpreta as questões, sejam biológicas e/ou sociais, segundo o viés psicanalítico não é tarefa simples, porém, desperta o interesse dos pesquisadores em se debruçar sobre as teorias deixadas por figuras ilustres como Freud e demais estudiosos que deram sequência às suas descobertas. Tudo ao tentar remediar o irremediável, encontrar respostas para sustentar as lacunas circunscritas na ordem do Real.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após estudos embasados em livros e artigos percebemos que ao corpo não existe uma única resposta e que nada vai dizer tudo sobre ele. Nessas várias formas de tentar compreendê-lo, através de experimentações, indagações de diversas áreas, teorias sobre sua constituição, seu desenvolvimento e o contato com o mundo externo não foram o suficiente para conseguir atender as expectativas de uma definição categórica. O corpo é de uma complexidade e atravessamentos diversos que ainda não foi o bastante para descrevê-lo, a psicanálise é apenas um recorte, e que também não diz tudo.

Com o corpo em evidência na pandemia, as pessoas se viram obrigadas a lidar com sentimentos que geralmente são evitados, como a fragilidade, as limitações, a angústia e o desamparo, atravessadas por marcas psíquicas que foram inscritas a partir do luto, da perda de referenciais e de pessoas, o que pediu uma reorganização das dinâmicas da vida. Por isso, ao considerar os agravos a ele imputados frente à angústia e impactos psicossociais resultantes desse período de certo modo traumático, é importante ressaltar que quanto maior o sofrimento, maior a tendência aos sintomas. É possível que muitos destes sintomas já existissem anteriores a pandemia, sendo exacerbados com esse evento.

Dessa forma, o sentido do sintoma é inerente ao sujeito e por isso, faz-se necessário que no movimento de reorganização psíquica os referenciais simbólicos sejam partes do seu processo de recomposição. Comparecer perante a morte e a ausência de objeto prefigura que novos sentidos sejam produzidos de modo a conduzir os sujeitos à formulação de significados que ainda lhe permitam repensar os modos de conservar a vida, o que Lacan aponta como o fazer algo do sintoma, e assim, circunscrever a angústia.

Portanto, as demandas do corpo na contemporaneidade, associadas ao contexto atual, tornam-se razões para que psicanalistas repensem suas práticas, as questões do corpo sejam

retomadas como parte do discurso e dos modos de gozar, tomando os seus efeitos no laço social e na posição que cada um ocupa com o desejo. E, assim, alinhar os desafios propostos com o reconhecimento de que os impactos a ele proporcionados, através dos processos de isolamento, adoecimento, terminalidade, morte e luto transformam-se em experiências singulares a cada indivíduo. Nesse ínterim, o psicanalista é o agente mediador, com a oferta para proporcionar ao sujeito um lugar que diga de si, daquilo que lhe corporifica, que, a partir da angústia, remonta às próprias ficções da identidade e do corpo.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicol. Soc. Florianópolis**, v. 23, n. 1, p. 24-34, Apr. 2011. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822011000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 28 de outubro de 2020.
- BESSET, Vera Lopes. Angústia e desamparo. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 203-215, set. 2002. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482002000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482002000200010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 30 de setembro de 2021.
- BELINTANI, G. **Histeria**. São José do Rio Preto. Revista de Psicologia da Vetor Editora, 2003.
- BIRMAN, Joel. Excesso e ruptura de sentido na subjetividade hipermoderna. **Cad. Psicanál.**, CPRJ, Rio de Janeiro, ano 26, n.17, p.175-195, 2004. Disponível em <[http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno17\\_pdf/14](http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno17_pdf/14)>. Acesso em 30 de setembro de 2021.
- CREPALDI, Maria Aparecida et al. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estud. psicol.** (Campinas), Campinas, v.37, 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2020000100508](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100508) acessado em 03 nov. 2020.
- CUKIERT, Michele e PRISZKULNIK, Léia. Considerações sobre eu e o corpo em Lacan. **Estudos de Psicologia** (Natal) [online]. 2002, v. 7, n. 1, p. 143-149. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000100014>>. Acesso em 10 de setembro de 2021.
- FERREIRA, Francisco Romão. A produção de sentidos sobre a imagem do corpo. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 12, n. 26, p. 471-483, Sept. 2008. <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832008000300002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832008000300002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 01 de novembro de 2020.
- FORTES, Isabel; WINOGRAD, Monah; PERELSON, Simone. Algumas reflexões sobre o corpo no cenário psicanalítico atual. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 29, n. 2, pág. 277-284, agosto

de 2018. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642018000200277&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642018000200277&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 28 de outubro de 2020.

FÓRUM DO CAMPO LACANIANO (org.). **Psicanálise e pandemia**. MS. São Paulo: Aller, 2020.

FREUD, Sigmund. (1914/1916). **Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e outros textos**. In. Obras completas [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol 12.

FREUD, Sigmund. (1915). **De guerra y de muerte: temas de actualidad**. In. Contribución a la historia del movimiento. psicoanalítico, trabajos sobre metapsicología y otras obras. Traducción de J.L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 2007, volume XIV, p. 277.

FREUD, Sigmund. (1926/1929) **Inibição, sintoma e angústia**. In. Obras Completas [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, vol. p. 14-26.

FREUD, Sigmund. (1930/1936). **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. Tradução Paulo César de Souza — São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FULGENCIO, L. **A Compreensão Freudiana Da Histeria Como Uma Reformulação Especulativa Das Psicopatologias**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental: São Paulo, 2002.

GOMES, Daniela Rodrigues Goulart; PRÓCHNO, Caio César Sousa Camargo. O corpo doente, o hospital e a psicanálise: desdobramentos contemporâneos? **Saúde e Sociedade** [online]. 2015, v. 24, n. 3, p. 780-791. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902015134338>>. Acesso em 08 de outubro de 2021.

HENCKEL, Marciela; BERLINCK, Manoel Tosta. Considerações sobre inibição e sintomas: Distinções e articulações para destacar um conceito do outro. **Estilos clínicos**, São Paulo, v. 8, n. 14, p. 114-125, jun. 2003. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282003000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282003000100009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 30 de setembro de 2021.

HOMEM, Maria Lúcia. **Reflexões sobre o luto no mundo pós-Covid-19**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Ku-qP-UDcUQ&t=94s>>. Acesso em 26 de novembro de 2021.

JÚNIOR, Ronis Magdaleno. **Luto e Melancolia: um texto em expansão**. Campinas: Revista de estudos Psicanalíticos, 2016.

LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo. O corpo em psicanálise. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 22, n. 2, pág. 241-249, agosto de 2006. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722006000200014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722006000200014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 28 de outubro de 2020.

LOWEN, A. **Narcisismo: A negação do verdadeiro Self**. São Paulo - SP, 2017.

MILLER, Jacques Alain. A imagem do corpo em psicanálise. **Extraído de Opção Lacaniana**, nº 52, set/2008 p. 17-27. Disponível em: [http://lacanempdf.blogspot.com/2017/09/a-imagem-do-corpo-em-psicanalise\\_28.html](http://lacanempdf.blogspot.com/2017/09/a-imagem-do-corpo-em-psicanalise_28.html). Acesso em 10 de outubro de 2020.

OLIVEIRA, Adriana Aparecida Almeida de; RESSTEL, Cizina Célia Fernandes Pereira; JUSTO, José Sterza. Desamparo Psíquico Na Contemporaneidade. **Rev. Psicol. UNESP**, Assis, v. 13, n. 1, p. 21-32, jan. 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-90442014000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442014000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 10 de maio de 2021.

PASSOS, Carina Freitas et al. Prolegômenos do Desamparo na Psicanálise. São Paulo: **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, 2018.

PERISSINOTTO, C. et al. A Practical Approach to Assessing and Mitigating Loneliness and Isolation in Older Adults. *J Am. Geriatr. Soc.*, [S.l.], v. 67, n. 4, p. 657-662, Apr. 2019.

SALES, Léa S. Posição do Estágio do Espelho na Teoria Lacaniana do Imaginário. Rio de Janeiro. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, 2005.

SARTÓRIO, C. L et al. Paradoxos de Retroalimentação da Pandemia da Covid-19: quebrando o ciclo. Salvador: **Cadernos de Prospecção**, 2020.

SILVA, Magali Milene. Freud e a atualidade de O mal-estar na cultura. **Analytica: Revista de Psicanálise**, 45-72, Minas Gerais, 2012. Acesso em 01 de novembro de 2020, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-51972012000100004&lng=pt&tlng=](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972012000100004&lng=pt&tlng=).

SILVA, Maria Rosimere C.; GERMANO, Zeno. Perspectiva psicanalítica do vínculo afetivo: o cuidador na relação com a criança em situação de acolhimento. **Psicol. Ensino & Form.**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 37-53, 2015. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?>>.

UJVARI, Stefan Cunha. **História das epidemias**. São Paulo: Contexto, 2020. 320 p. : il.